

# O USO DA WEB PARA DISSEMINAR DESINFORMAÇÃO: ANÁLISE DAS LIVES DE JAIR BOLSONARO EM 2020 SOBRE A COVID-19

MARGARETE VIEIRA PEDRO\*

**Resumo:** A web tem se tornado a principal fonte de informação para o público em geral, mas também tem propagado muita desinformação. Os políticos têm se utilizado das ferramentas da web para disseminar suas versões e, na maioria dos casos, evadas de distorções.

*Este artigo analisa um bloco de lives semanais do presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, na web (YouTube), em 2020, e retransmitidas ao vivo na sua conta no Facebook e no programa Os Pingos nos Is, da Jovem Pan News Rádio e TV (a cabo), acessível pela Internet, durante a pandemia de covid-19.*

*O corpus da pesquisa teve como foco uma amostra aleatória das lives, de março a dezembro de 2020 (em um total de 10), período do primeiro ano da pandemia de covid-19 no país.*

*O presidente da República, nessas lives, exerce a função de mediador da desinformação e dá o seu aval de figura pública para todo esse processo.*

**Palavras-chave:** Web; Discurso; Desinformação; Figura pública.

**Abstract:** The web has become the main source of information for the public, but it has also spread a lot of disinformation. Politicians have been using web tools to disseminate their versions and, in most cases, riddled with distortions.

*This article analyses a block of weekly lives by the president of Brazil, Jair Bolsonaro, on the web (YouTube), in 2020, and broadcast live on his Facebook account and on the programme Os Pingos nos Is, of Jovem Pan News Radio and TV (cable), accessible through the Internet, during the covid-19 pandemic.*

*The research corpus focused on a random sample of lives, from March to December 2020 (a total of 10), period of the first year of the covid-19 pandemic in the country.*

*The President of the Republic, in these lives, plays the role of mediator of disinformation and gives his endorsement as a public figure for this whole process.*

**Keywords:** Web; Speech; Disinformation; Public figure.

## INTRODUÇÃO

A *web* é um dos principais meios pelos quais a população brasileira procura informações, mas também tem sido palco para a desinformação, propagada até por aqueles que, exercendo uma função pública, deveriam zelar pela qualidade e veracidade daquilo que divulgam. No Brasil, durante o primeiro ano da pandemia de covid-19 (2020), a desinformação sobre o vírus se multiplicou exponencialmente, sobretudo por intermédio das redes sociais e pelo principal agente político do país.

---

\* Prof.ª Dr.ª Margarete Vieira Pedro, pesquisadora, jornalista e sócia-proprietária da JMC Assessoria de Comunicação e Relações Públicas. Email: vpmargarete@gmail.com.

No Brasil, as consequências estratosféricas da pandemia coincidiram com os números superlativos do uso da *Internet* pelos brasileiros.

Segundo o Conass (Conselho Nacional de Secretários de Saúde; Conass 2022), de 29-03-2020 até 01-01-2021, foram notificados ao órgão 7 712 502 pacientes que contraíram covid-19 no Brasil e, de 22-03-2020 até 31-12-2020, 194 949 pessoas vieram a óbito no país em razão da doença. Após mais de dois anos de pandemia, o Brasil já contabilizava mais de 680 mil mortos.

No mesmo ano da eclosão da pandemia, o Comitê Gestor da Internet do Brasil<sup>1</sup> divulgou uma pesquisa (TIC Domicílios 2020 – Edição COVID-19 – Metodologia Adaptada) apontando o ano de 2020 como de aumento no número de pessoas conectadas às redes, por conta das demandas impostas pela «migração de atividades essenciais para o ambiente digital» (Comitê Gestor da Internet 2021), durante o primeiro ano da pandemia de coronavírus. Em 2020, 152 milhões de brasileiros tinham *Internet* em casa. Isso representa 81% da população acima de 10 anos (Cetic 2021). Um crescimento de 7% em relação ao ano de 2019.

Outro dado para entender a importância da conexão às redes no Brasil é a utilização desse meio para o consumo de vídeos gratuitos. Um estudo da Kantar IBOPE Media (2021) apontou que 80% dos brasileiros consumiram vídeos gratuitos online, enquanto a média de estrangeiros que consomem este produto equivale a 65%. Há também uma diferença significativa entre os brasileiros (72%) que viram vídeos em redes sociais em comparação com a média do cenário global (57%).

Nesse contexto, em 2020, início da pandemia de covid-19, o atual presidente da República, Jair Bolsonaro, foi o principal arauto do negacionismo. Ele utilizou a *Internet* como meio para disseminar desinformação sobre a doença. Veiculou *lives* semanais, pelo YouTube, uma das redes sociais mais acessadas no país, com informações incorretas sobre a pandemia, desmotivou a vacinação, o uso de máscaras e aconselhou medicação sem comprovação científica ou não recomendada pela ciência no combate ao coronavírus. Mesmo antes de se tornar presidente, Bolsonaro já fazia uso periódico das redes sociais, principalmente na campanha eleitoral de 2018, quando se elegeu presidente.

As *lives* nas quais ele é o protagonista também são retransmitidas ao vivo pelo programa *Os Pingos nos Is*, da Jovem Pan News, canal de TV a cabo, e pelas redes apoiadoras de Jair Bolsonaro, o que potencializa o número de visualizações de seu conteúdo. *Os Pingos nos Is* é um programa que começou na Rádio Jovem Pan, em abril de 2014, e é transmitido também pela Jovem Pan News.

---

<sup>1</sup> O Comitê Gestor da Internet do Brasil (cgi.com.br) foi criado em 31-05-1995 por portaria interministerial. Tem como atribuição estabelecer diretrizes estratégicas sobre o uso e o desenvolvimento da *Internet* no país.

Este artigo tem por objetivo apontar nas falas de Jair Bolsonaro, durante as *lives* protagonizadas por ele em 2020, como foi construído o discurso de desinformação e a minimização do processo pandêmico e da campanha contra as vacinas.

Para isso, buscou-se verificar de que maneira Jair Bolsonaro exerceu o papel de mediador para a desinformação e utilizou a sua função pública e sobretudo a credibilidade do cargo de presidente da República para pôr em xeque a ciência e apontar a questão econômica como prioridade e, em segundo plano, o combate à doença.

## DESINFORMAÇÃO X DISCURSO POLÍTICO

Em abril de 2020, a Avaaz (avaaz.org) realizou pesquisa no Brasil, na Itália e nos EUA com objetivo de verificar quanto a população desses países acreditava ou não na desinformação sobre a covid-19 veiculada virtualmente (Avaaz 2020).

O estudo da Avaaz apontou que, no Brasil, 9 em cada 10 brasileiros entrevistados viram pelo menos uma informação falsa sobre a doença, e 7 em cada 10 brasileiros entrevistados acreditavam em, pelo menos, um conteúdo com desinformação sobre a pandemia.

Segundo o levantamento, a rede social mais utilizada pelos entrevistados é o WhatsApp (90%), seguido pelo Facebook (83%), YouTube (71%), Instagram (64%) e Twitter (26%). Apenas 1% do total disse não utilizar redes sociais.

Embora as *lives* de Jair Bolsonaro sejam também transmitidas em sua conta no Facebook, o foco deste trabalho é a transmissão pelo canal do YouTube. Trata-se de um site de vídeos fundado em 2005, nos Estados Unidos, por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim e, posteriormente, comprado pelo Google em 2006.

O YouTube chegou ao Brasil em 2007. Em 2020, escopo deste trabalho, o site divulgou ter em média 105 milhões de usuários mensais no país. E um estudo realizado pela Comscore Video Metrix (comscore.com), em 2020, apontou que 91% dos pesquisados no Brasil disseram ter aumentado o tempo de uso na plataforma durante a pandemia (Baptista 2020).

São muitas as definições de desinformação. Neste artigo, adotaremos como conceito de desinformação a definição do manual *Jornalismo, Fake News e Desinformação* (Ireton e Posetti, eds., 2019), publicado em 2019 pela UNESCO:

*O termo desinformação é comumente usado para se referir a tentativas deliberadas (frequentemente orquestradas) para confundir ou manipular pessoas por meio de transmissão de informações desonestas. Isso geralmente é combinado com estratégias de comunicação paralelas e cruzadas e um conjunto de outras táticas, como hackear ou comprometer pessoas. O termo «informação incorreta» frequentemente refere-se a informações enganosas criadas ou disseminadas sem intenção manipuladora ou maliciosa. Ambos são problemas para a sociedade, porém a desinformação*

*é particularmente perigosa, pois é frequentemente elaborada, com bons recursos, e acentuada pela tecnologia automatizada* (Ireton e Posetti, eds., 2019, p. 7).

A manipulação da informação, por vezes calcada em distorções de dados científicos, tem o objetivo de persuadir e, por meio virtual, transformar aquele que recebeu a mensagem em multiplicador e disseminador desse conteúdo nas redes.

Alves e Maciel (2020) explicam que «o fenômeno da desinformação tem uma dimensão claramente política, na medida em que pode moldar o que tomamos por realidade».

O mais grave é quando um cidadão eleito para uma função pública, como a de presidente da República, o primeiro mandatário de um país, se apropria da desinformação e utiliza de recursos virtuais para alcançar seus objetivos políticos.

*Os receptores tendem a aceitar crenças, conhecimento e opiniões (salvo se forem inconsistentes com relação a suas crenças e experiências pessoais) através do discurso produzido por aqueles que são considerados fontes autorizadas, confiáveis ou críveis* (Nesler et al. 1993, cit. por Van Dijk 2008).

O presidente da República, quando fala ao público que o acompanha, pretende construir um discurso persuasivo, de credibilidade e de poder (pela função que ocupa). Para isso precisa se utilizar de argumentos para persuadir aquele ao qual se dirige, mesmo que esses argumentos sejam inverídicos ou, no mínimo, imprecisos. Para Van Dijk (2008, p. 85), o poder na sociedade não pode ser exercido nem legitimado sem comunicação, seja ela falada ou escrita. E ainda afirma que «o poder discursivo costuma ser direta ou indiretamente persuasivo».

Persuadir, como afirma Citelli (1998, p. 14), «não é apenas sinônimo de enganar, mas também o resultado de certa organização do discurso que o constitui como verdadeiro para o receptor». E diz ainda que o «discurso persuasivo é sempre expressão de um discurso institucional» (Citelli 1998, p. 32).

Charaudeau (2008) fala que o discurso político é o «lugar de um jogo de máscaras». E que aquilo que é dito pelos políticos deve ser tomado pelo que «diz e não diz». A questão é, segundo Van Dijk (2008, p. 121), que controlar o discurso «é uma das principais formas de poder, controlar as mentes das pessoas é a outra forma fundamental de reproduzir a dominação e a hegemonia».

Wodak, citado por Van Dijk (2008, p. 122), afirma que «os receptores podem não possuir o conhecimento e as crenças necessárias para questionar o discurso ou a informação a que são expostos». Para Charaudeau (2008, pp. 19 e 21), a instância política<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Charaudeau (2008, p. 18) explica que a instância política é delegada e assume a realização da ação; e a instância cidadã está na origem da escolha dos representantes do poder.

joga com argumentos de razão e de paixão e assim tenta fazer a instância cidadã aderir à sua ação. E, ainda, que o uso da palavra «intervém no espaço de persuasão para que a instância política possa convencer a instância cidadã dos fundamentos de seu programa e das decisões que ela toma ao gerir os conflitos de opinião em seu proveito».

Usar a persuasão, por exemplo, no discurso da publicidade, segundo Brown (1971), exige a utilização de um sistema para convencer. Esse sistema conta com: o uso de estereótipos; substituição de nomes, para influenciar positiva ou negativamente certas situações; criação de inimigos (imagináveis); apelo à autoridade, convoca-se alguém para referendar o que está sendo afirmado e, por fim, afirmar e repetir esse discurso sistematicamente.

Mas é possível fazer analogia entre o discurso político e o discurso persuasivo da publicidade, já que comumente se reconhece as características expostas por Brown (1971) na fala daqueles que exercem cargos públicos.

## ANÁLISE DAS LIVES

Este artigo é resultado de análise qualitativa do conteúdo textual das falas de Jair Bolsonaro, composto por uma amostra aleatória das *lives* semanais do presidente da República, de março a dezembro de 2020, em um total de 10 *lives* (Tabela 1) veiculadas no seu canal do YouTube.

Tabela 1. *Lives*, YouTube

Data	Duração	Visualizações
19-03-2020	18min01s	27 286
16-04-2020	20min57s	128 455
07-05-2020*	11min32s	40 758
11-06-2020	53min46s	151 660
23-07-2020	38min22s	258 440
06-08-2020	20min53seg	288 031
10-09-2020	35min07seg	105 872
22-10-2020	51min04seg	185 688
12-11-2020	1h36min03seg	207 121
17-12-2020	1h02min45seg	187 337

\* Live mais curta por conta dos problemas com a *Internet*  
Fonte: Elaboração própria

A pesquisa qualitativa, para Oliveira (1998, p. 117), objetiva situações complexas ou estritamente particulares. E, ainda, pretende apresentar «contribuições no processo de mudança, criação, ou formação de opiniões de determinado grupo e permitir em maior grau de profundidade, a interpretação dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos».

O método utilizado foi a análise do conteúdo textual das falas de Jair Bolsonaro nas *lives*. Muitos autores têm elaborado definições sobre a análise de conteúdo e como utilizá-la na pesquisa. Dencker e Viá (2001, p. 179) afirmam que ela consiste «em classificar em categorias preestabelecidas os elementos de um texto ou de uma comunicação que se quer analisar». Segundo Silva, Gobbi e Simão (2005, p. 74), a análise de conteúdo «é uma ferramenta para a compreensão da construção de significado que os atores sociais exteriorizam no discurso». Já na comunicação de massa a essência dessa análise se dá pela observação daquilo que é dito, ou seja, a mensagem elaborada (Duarte e Barros, org., 2005).

O objetivo deste trabalho foi verificar como Jair Bolsonaro conduziu o seu discurso de desinformação sobre covid-19 e verificar:

- a) Sentido literal ou explícito do texto (elementos de persuasão e sentido de identidade e autoridade);
- b) Aparência ou implícito no texto (o que é silenciado no discurso);
- c) Interpretação — leitura dos dados da covid-19 e o significado para o país;
- d) Criação de inimigos (STF – Supremo Tribunal Federal, ex-ministros, governadores, OMS e a mídia).

Para fazer a análise dos tópicos acima, as falas de Jair Bolsonaro foram descritas buscando observar se há ou não um padrão nesse discurso, quais foram as opiniões emitidas sobre a pandemia, a medicação, a vacinação, a economia e, além disso, sobre a definição de quem seriam os inimigos do governo federal no combate ao vírus.

### **LIVE DE 19 DE MARÇO DE 2020**

Na *live*, estão apenas Jair Bolsonaro e a intérprete de Libras, ambos sem máscara. A propósito, é importante registrar que o presidente sempre negou a importância do uso desse equipamento como proteção no combate ao coronavírus.

Durante a transmissão da *live*, Bolsonaro usa argumentos para desconsiderar as medidas de restrição de circulação e encontros por conta da covid-19. Afirma, em tom irônico, que fará uma festa para comemorar o seu aniversário e que o número de pessoas será restrito não por ele concordar em seguir medidas de proteção e, sim, porque ele não gosta de festas.

Para referendar a fala inicial, ele passa a discorrer sobre pessoas próximas que estão infectadas pelo coronavírus, mas todas sem sintomas. Afirma ainda que a doença somente é grave para idosos e que, para alguns destes, poderia causar óbito. Cita números de uma suposta estatística, sem dar a fonte, que comprovariam a questão da infecção/sintomas/óbitos/idosos. «Para algumas pessoas, mais idosas, que têm outros problemas, a infecção pode ser grave e em alguns poucos casos levar a óbito», diz Bolsonaro.

Inferir também um prazo para que a doença diminua o seu pico — 3 a 4 meses —, e que o país voltará à normalidade em 6 a 7 meses. Mas também não explica se esse dado tem comprovação científica e em que se baseou para fazer tal afirmação.

Por fim, ataca os governadores dos estados brasileiros e suas medidas restritivas, que estariam impactando a economia no país e causando desemprego (apelo à emoção). Aliás, os governadores, para o presidente, são seus principais inimigos e os responsáveis pela crise na economia do país. «A economia tem que funcionar, certo? Porque, caso contrário, as pessoas não vão ficar em casa e se alimentar de nada e têm que buscar a sobrevivência e, se faltar emprego, falta pão em casa, os problemas se avolumarão», afirma.

E continua: «Algumas autoridades estaduais estão tomando medidas [de restrição] e têm tido reclamação. Mas eu deixo claro que o remédio quando em excesso pode não fazer bem ao paciente».

### **LIVE DE 16 DE ABRIL DE 2020**

Na *live*, Bolsonaro, apresenta o novo ministro da Saúde, Nelson Teich<sup>3</sup>. Todos, inclusive a intérprete, também não usam máscaras.

Novamente, utiliza argumentos emocionais na tentativa de levar a população a não ter medo da doença, diferentemente do discurso que vinha sendo utilizado pela maioria dos governadores nos estados, que explicavam a necessidade de se proteger por meio do isolamento social, preconizado pela OMS (Organização Mundial da Saúde). Bolsonaro faz o contraponto com o discurso da necessidade do retorno ao trabalho para que a economia não se deteriore.

Passa então a adotar o discurso contrário à ciência. Defende a prescrição da cloroquina, medicação indicada para malária e que não tinha comprovação de eficácia contra o vírus, dando como exemplo a Guerra do Pacífico, quando, supostamente, foi utilizada água de coco para substituir o plasma sanguíneo. Ou seja, busca mostrar aos internautas que, se água de coco foi tentada, pode-se fazer o mesmo com a cloroquina.

*E o que eu vejo aqui no Brasil são muitos médicos aplicando a cloroquina. Afinal de contas, é um remédio que vem sendo utilizado para a malária, artrite e a lúpus. Vendido largamente nas farmácias, principalmente na região norte, onde as pessoas são acometidas pela malária. E os relatos que nós temos é que tem ajudado [contra a covid-19]. Agora a comprovação é lá na frente, diz.*

Outra justificativa para o uso da medicação foi argumentar que se uma pessoa fosse picada por uma cobra e não se soubesse se o soro iria salvá-la ou não se deveria aplicá-lo. «O que você faz? Deixa a pessoa morrer ou aplica o soro que pode dar certo?»,

---

<sup>3</sup> Nelson Teich é médico e foi ministro da Saúde por menos de um mês, de 16 de abril de 2020 até 15 de maio de 2020.

questionou Bolsonaro. O apelo emocional está implícito na fala ao dizer que deve se tentar uma medicação, mesmo que não se tenha a prova de eficácia contra a doença. Segundo ele, trata-se de «salvar vidas». É importante pontuar que, de 2 de março de 2020 até 13 de abril de 2020 (dia anterior à *live*), já havia 32 681 infectados pela doença no país e 2141 mortes (OMS 2020).

Ainda na *live*, Bolsonaro volta a usar o argumento da idade e das comorbidades que, segundo ele, seriam fatores preponderantes para os casos graves, como se os mais jovens e saudáveis não precisassem se proteger da doença. Reforça para os internautas que não é preciso se «apavorar» e dá como argumento que muitos países já haviam se livrado do vírus<sup>4</sup>.

### **LIVE DE 7 DE MAIO DE 2020**

Nesta *live*, o convidado de Bolsonaro é Pedro Guimarães, então presidente da Caixa Econômica Federal. Está presente também a intérprete de Libras.

Bolsonaro volta a reforçar explicitamente que «não trabalhar é pior do que ser infectado pelo vírus» e que muito do que está acontecendo na economia do país é fruto das determinações da Justiça brasileira (referência ao STF – Supremo Tribunal Federal, embora não o cite). Bolsonaro afirma: «O Brasil é o país das judicializações... foi decidido [pelo STF], há um tempo, que [a decisão sobre] as medidas restritivas cabem aos estados e municípios».

Mais uma vez coloca prefeitos, governadores e as medidas tomadas pela Justiça em relação à pandemia como inimigos da economia e do progresso do país. E, assim, insinua que estaria isento da responsabilidade de definir qualquer medida relacionada à pandemia, além da obrigação (única) de distribuição de verbas para estados e municípios.

Bolsonaro, na verdade, distorce em seu discurso a decisão tomada pelo STF (Supremo Tribunal Federal), de 15-04-2020.

Na decisão, o STF definiu que estados, Distrito Federal, municípios e a União teriam competência concorrente na definição de ações no combate à covid-19. Isso significa que governadores e prefeitos poderiam estabelecer medidas preventivas, como isolamento social e fechamento do comércio. O STF afirmou também que a União pode legislar sobre a pandemia, mas deveria garantir autonomia de estados e municípios.

Essa *live* foi curta, pois o sinal da *Internet* estava com problemas, e Bolsonaro diz, de modo bastante ríspido, se dirigindo aos seus auxiliares, que esse problema tem e vai ser resolvido até a próxima semana.

---

<sup>4</sup> Dados da OMS apontavam que de março a abril de 2020 já havia em torno de 2,7 milhões de pessoas infectadas no mundo e até 13 de abril por volta de 211 771 pessoas haviam morrido (OMS 2020).

## LIVE DE 11 DE JUNHO DE 2020

Nesta *live*, Bolsonaro tem ao seu lado Filipe G. Martins, assessor especial para assuntos internacionais do presidente da República, e a intérprete de Libras.

Ele começa o programa elegendo novamente os inimigos do seu governo e, conseqüentemente, da população brasileira. Primeiro, ataca os governadores. Afirma que o desemprego entre a população é responsabilidade das medidas (consideradas por ele incorretas) adotadas por eles em seus respectivos estados. Dá como exemplo o fechamento do comércio durante a pandemia para evitar a disseminação do vírus.

*Não tem cabimento o que estão fazendo [governadores], essa tara, essa maneira de como se fosse o predador em cima de uma caça, no tocante à questão do isolamento, não tem cabimento... São os governadores e prefeitos, o STF decidiu, não foi provocação minha, que isso [medidas de restrição] é de competência exclusiva de governadores e prefeitos... A nossa responsabilidade é [dar] só recursos, fala.*

O segundo inimigo é a OMS (Organização Mundial da Saúde). Para ele, a organização vacila com orientações de «direita» e de «esquerda», como se a condução da pandemia fosse uma questão ideológica, e não de saúde. Aponta, também, que as posições da OMS são «contraditórias».

*As questões da OMS... que é uma organização que está o tempo todo na direita e na esquerda, estão oscilando. Bastante contraditória. Já assumiu posição favorável ao isolamento, favorável à máscara, contrária à máscara. Agora é contra as experiências com cloroquina. Em outro momento, foi a favor, comenta.*

Bolsonaro trabalha também com a desinformação em relação aos fármacos não aprovados cientificamente para a doença e sobre, mais uma vez, as orientações da OMS. No dia 25 de maio, 18 dias antes desta *live*, a OMS anunciava a interrupção do uso da cloroquina e hidroxicloroquina em testes, pois um estudo publicado na revista científica *Lancet* indicava que não só não havia benefícios no uso desses medicamentos como também havia um risco aumentado de morte para os pacientes.

Enfatiza, também, a eficiência de experimentar medicações como a Hidroxicloroquina, Ivermectina e a Nitazoxanida<sup>5</sup>, o que «já vem sendo feito em alguns hospitais e tem dado resultado». Exemplifica fazendo uma comparação da cloroquina com o soro utilizado para mordida de cobra: «Você vai tomar. Vamos dar um tempo para ver os efeitos colaterais [do soro]?... Tem que tomar logo no começo, não pode esperar».

---

<sup>5</sup> Nitazoxanida, comumente conhecida no Brasil pelo seu nome comercial «Annita», é um medicamento antiparasitário.

Põe em xeque ainda as pesquisas sobre a transmissão do coronavírus por assintomáticos, baseado em boatos (distorções) propagados nas redes sociais sobre supostas declarações da OMS. Afirma que os estudos são incipientes e que a OMS perdeu a «credibilidade». E ainda que as medidas de isolamento social para assintomáticos foram desnecessárias, já que eles não «transmitem o vírus». Tenta referendar que essa suposta falta de credibilidade da OMS levou o então presidente norte-americano, Donald Trump, a sair da organização e tirar a contribuição que os EUA davam à entidade, além de pedir uma fiscalização no órgão.

Em relação aos assintomáticos, em 9 de junho de 2020 (dois dias antes da *live*), a OMS esclareceu a questão. Segundo a organização, existiam estudos em andamento apontando que a transmissão do vírus por assintomáticos poderia ocorrer, só não se sabia em que intensidade, que ela seria «mais rara», mas que os dados ainda passavam por análise e não eram definitivos.

O terceiro inimigo de Bolsonaro é a mídia. Discorre sobre a mudança na divulgação de casos e mortes da pandemia<sup>6</sup> conduzida pelo Ministério da Saúde, e que, por conta disso, os números passaram a ser divulgados tarde da noite (22h). Com isso, o *Jornal Nacional*<sup>7</sup>, da Rede Globo de Televisão, que vai ao ar às 20h, não tinha como tornar público os números durante a transmissão do telejornal. O presidente chegou a nominar a rede de televisão de «TV Funeral». Para ele, «A TV Globo sempre potencializa qualquer coisa contra a gente [governo federal]. É um espaço de televisão que não tem nada para falar de bom do Brasil, de nós, tudo é contra».

Justifica ainda sua fala com a suposição de que os números de mortes estão inflados e diz que há em curso uma «investigação» feita pelo governo sobre isso. Põe em xeque a causa das mortes que eram registradas nos atestados de óbito, dizendo que, muitas vezes, embora as pessoas tenham contraído covid-19, a morte se deu por doenças anteriores ao vírus e, no atestado de óbito, constava morte por covid-19, lançando a suposição de que os médicos estariam também inflando os números.

Utiliza desinformação ao se referir ao ministro da Saúde anterior, que ficou no cargo de 2019 a 2020, Luiz Henrique Mandetta, como já havia feito em outras *lives*. Acusa o ex-ministro de publicizar números fictícios com o propósito de «vender o peixe do “fique em casa”», que ele teria dado, segundo Bolsonaro, «uma escorregadinha na questão da pandemia» e que o ministro teria ficado «empolgado» por aparecer na Globo. Isso teria feito com que ocorresse um «exagero nos números» apresentados.

---

<sup>6</sup> Em 8 de junho de 2020, os principais veículos de imprensa brasileiros criaram o Consórcio de Veículos de Imprensa. A ideia inicial da parceria foi a de divulgar os dados sobre a pandemia de covid-19 recebidos diretamente das Secretarias Estaduais de Saúde. O Ministério da Saúde havia determinado restrições na forma de divulgação dos números de casos e óbitos.

<sup>7</sup> O *Jornal Nacional*, telejornal noturno veiculado na Rede Globo, é o principal telejornal brasileiro e é líder de audiência em seu horário de exibição.

Incita os apoiadores a entrarem nos hospitais com câmeras para constatar se «os leitos estão mesmo ocupados ou não» e se as verbas encaminhadas para os governadores pelo governo federal por conta da pandemia estão «sendo gastas ou não» com as medidas para conter a doença.

*As informações que chegam para nós é que tem hospital de campanha, hospital público [não ocupados no todo]. Arranja uma forma de entrar e filmar. Muita gente está fazendo isso, mas mais gente tem que fazer para mostrar se os leitos estão ocupados ou não. Se os gastos são compatíveis ou não. Isso nos ajuda, diz.*

### **LIVE DE 23 DE JULHO DE 2020**

Pela primeira vez em uma *live*, a intérprete de Libras aparece em uma tela separada do presidente, pois Bolsonaro (sozinho na mesa e sem máscara) havia contraído covid-19. Sobre a mesa do presidente está uma caixa de hidroxicloroquina.

Bolsonaro torna-se, nessa *live*, garoto-propaganda explícito da hidroxicloroquina, apesar das informações científicas de não comprovação para uso da medicação como prevenção contra a covid-19 e nem como paliativo após o vírus ser contraído. Pega e aponta a caixa do fármaco para a câmera sete vezes durante a transmissão, fazendo as seguintes afirmações:

- *Eu tomei e 12 horas depois estava me sentindo muito bem...*
- *Enquanto não tiver remédio para atacar esse problema, é válido isso aqui...*
- *Muita coisa foi descoberta com essas tentativas [remédios prescritos fora da bula], a pessoa está acometida da doença, sabe que vai ter um problema sério pela frente e se pode testar esse remédio, que é vendido há 50 anos, especialmente na região amazônica<sup>8</sup>, vai testar...*
- *Médicos renomados têm conversado comigo e dizem que a sua experiência e observação têm dado certo [pega a caixa do remédio no início da fala e pega novamente no final].*
- *Quem não tem alternativa que não fique querendo proibir a hidroxicloroquina, para quem porventura queira tomá-la, devidamente receitada por um médico.*

O próximo tópico da *live* é sobre as eleições municipais<sup>9</sup>. Bolsonaro fala, em tom de ameaça, que os candidatos ao cargo de prefeito serão questionados pelos eleitores sobre como será o comportamento adotado por eles, se forem eleitos, em relação à covid-19. Dá como exemplo, para ele, de condução ruim da pandemia a cidade de São Paulo, que tomou diversas medidas de restrição para conter a doença, seguindo decreto do

---

<sup>8</sup> Esses fármacos são utilizados para tratamento da malária e para doenças autoimunes, como artrite reumatoide e lúpus.

<sup>9</sup> Em 2020 o Brasil teve eleições municipais em todo o país, para escolha de prefeitos e vereadores.

governo do estado de São Paulo (dirigido por João Doria, que, durante a sua campanha eleitoral, apoiava Jair Bolsonaro e, no período da pandemia, ficou em oposição ao governo federal, por conta da falta de ações e demora no combate ao vírus).

Bolsonaro diz que irá participar muito pouco do processo eleitoral municipal, porque, segundo ele, há muitos problemas para se preocupar no Brasil, principalmente os provocados pela «política do fique em casa». Retoma a sua oposição às medidas de restrição e proteção contra a pandemia feitas por governadores e prefeitos e fala que elas foram exageradas e só serviram para «terror, pavor, não sei o quê, destruíram o emprego no Brasil».

Segundo ele, o próprio ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta era gerador de falas que aterrorizavam a população, utilizando para isso entrevistas realizadas na Rede Globo, com conteúdo de «terror o tempo todo».

Em outro ponto da *live*, retoma de forma enfática a questão da economia. Volta a afirmar que ele está preocupado com vidas, diferentemente do que dizem nas redes sociais e na mídia tradicional, mas que o efeito colateral das políticas de restrição, do «todo mundo em casa», vai «matar mais gente do que o próprio vírus». Chama ainda de «tara» as punições dos governadores e prefeitos contra os que não cumprem as restrições, e que eles parecem «predadores em cima de uma caça, no tocante à questão do isolamento».

Ou seja, continua atacando de forma enfática as medidas de proteção e segurança contra o vírus e emitindo informações opostas às orientações dadas pelo setor de saúde no país. Esse discurso de desinformação, feito pela principal autoridade pública do país, confundiu a população, que não sabia se seguia as orientações de prefeitos e governadores ou do presidente da República.

Volta a utilizar o fato de ter contraído o vírus e não poder sair de casa até que esteja negativado, mesmo não sentindo mais nada, como sendo um «exagero» do protocolo de restrições que foi definido, segundo ele, pela Justiça e pelos governadores nos estados.

## **LIVE DE 6 DE AGOSTO DE 2020**

Nesta *live*, Jair Bolsonaro está acompanhado do então ministro da Saúde, Eduardo Pazuello<sup>10</sup>, que ficou no cargo de 2020 a 2021, e pela intérprete de Libras (só ela com máscara). Em cima da mesa, uma caixa de hidroxiquina<sup>11</sup>.

Da mesma maneira que fez em *lives* anteriores, Bolsonaro passa a justificar a importância do uso de medicamentos cientificamente sem efeito comprovado contra a covid-19. Na mesa, uma caixa de hidroxiquina, que ele mostra para câmera em seis momentos diferentes durante a veiculação da *live*. Dialoga com o ministro sobre a eficiência do remédio e volta a repetir o discurso sobre a Guerra do Pacífico, já mencionada na *live* de abril.

---

<sup>10</sup> Terceiro ministro da Saúde indicado por Jair Bolsonaro durante a pandemia.

<sup>11</sup> Hidroxiquina é produzida, no Brasil, entre outros laboratórios, pelo Laboratório Químico e Farmacêutico do Exército (LQFEx).

Cita diversas pessoas próximas a ele que teriam se beneficiado com o uso dessa medicação. Afirma também que para ele próprio o uso da medicação «deu certo» e que os médicos devem ter a liberdade de prescrever qualquer remédio fora das orientações da bula (*off-label*), porque, se esse método não fosse liberado, «muitas doenças ainda estariam existindo no Brasil». Ou seja, a autoridade máxima do país se coloca como um propagador e estimulador do uso de medicamentos ineficazes e se torna uma personalidade pública disseminadora de desinformação, colocando em risco a vida da população.

Bolsonaro é um incentivador do que ele chama de «tratamento precoce» com essas medicações já comprovadamente declaradas como sem eficácia pela ciência e, o mais grave, com efeitos colaterais bastante perigosos.

Além disso, fala que a orientação de ficar em casa, para evitar a disseminação do vírus, é ineficaz. E que a perda do emprego, como fruto da recessão econômica, é um efeito colateral «mais grave que o próprio vírus». Volta a dizer que não se pode «fechar tudo» [comércio, indústria, serviços, escolas etc.], como têm feito diversos governadores. É importante salientar que Bolsonaro trabalha com o medo, com o receio que a população tem de ficar desempregada e sem meios de subsistência.

Faz ataques aos governadores que, segundo ele, estariam impedindo parte dos prefeitos de reabrir a economia e retomar a normalidade. Não deixa de culpar o STF como sendo o responsável por deixar nas mãos dos governadores as decisões sobre as medidas de proteção contra a covid-19, o que, para ele, foi um erro.

## **LIVE DE 10 DE SETEMBRO DE 2020**

Como em outras *lives*, além da intérprete de Libras, Bolsonaro está acompanhado de uma pessoa que servirá de suporte para o seu discurso negacionista e de desinformação. Ambos estão sem máscara e em um lugar fechado. Desta vez, é uma garota de 10 anos, extremamente desinibida e falante, que se autodenomina repórter e apresentadora.

Começa conversando sobre a questão das medidas de proteção e segurança e volta a se referir à «política do fique em casa». A menina afirma que iria justamente lhe perguntar sobre isso. Ela questiona: «Quem vai pagar a conta?». Em tom de medo e ameaça, Bolsonaro passa a discorrer sobre o que seria do país se a agricultura tivesse parado: «Não haveria arroz no prato dos brasileiros».

Novamente, volta a relacionar as medidas de segurança adotadas aos problemas econômicos. Alega que, desde o início da pandemia, tem dito que é preciso pensar na economia.

O discurso se volta então para o auxílio emergencial<sup>12</sup>. Diz que não poderá ser dado indefinidamente, pois ele «deu» por cinco meses R\$ 600 e agora dará mais R\$ 300 por três

---

<sup>12</sup> O auxílio emergencial foi um benefício financeiro no valor de R\$ 600 pago pelo governo federal, após aprovação no Congresso Nacional, seguindo os seguintes critérios: pessoas que não possuem emprego formal e estão em famílias com renda de até meio salário-mínimo por pessoa (R\$ 522,50) ou com renda total de até três salários-mínimos (R\$ 3 135,00).

meses, mesmo endividando o país. Afirma, novamente em tom de ameaça: «Não vai ter mais prorrogação, pois o endividamento [do país] cresce muito». E diz ainda: «Vai pedir um auxílio para quem tirou o seu emprego, que falou “fique em casa”».

Passa a atacar os governadores, considerados inimigos por não seguirem a política negacionista do presidente. Diz que alguns deles bloquearam rodovias federais e foi preciso mandar a Polícia Rodoviária Federal para reverter a medida. Dá como exemplo o Pará e o governador Helder Barbalho (sem citar o nome). Também cita um governador da região sudeste (diz que não falará o nome, mas é o então governador de São Paulo, João Doria) que quis fechar aeroporto. Faz uma ameaça: «Esses aí acertam as contas com o povo em 2022»<sup>13</sup>.

O discurso de Bolsonaro quer demonstrar que a responsabilidade pelos problemas econômicos não é do governo federal, mas sim dos governadores que priorizaram o combate ao vírus e, também, porque essa foi uma decisão do STF.

Inicia, então, uma conversa com a garota sobre o fato de as crianças terem ou não medo de tomar vacina. A menina responde que prefere tomar vacina a tirar sangue. Aparentemente decepcionado com a resposta, Bolsonaro esboça um sorriso e continua falando que a vacina ainda não tem comprovação científica, que o imunizante precisa passar pela Anvisa. Ele pergunta: «Você acha que está certo?» [tomar uma vacina sem comprovação científica]. Consegue a resposta que queria da menina: «Eu acho que não».

Faz, então, insinuações citando o caso de uma suposta paciente que teria sofrido efeitos adversos após tomar uma das vacinas. Esse caso ocorreu no Reino Unido<sup>14</sup>.

Por isso, afirma que é a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) que vai definir se o imunizante será ou não aplicado na população, quando chegar ao país. Se exime da responsabilidade de comprar o imunizante enquanto não ocorrer a aprovação. É importante pontuar que todo e qualquer fármaco utilizado no Brasil passa obrigatoriamente pela agência, conforme exigência de lei federal. A questão colocada pelos governadores era que havia a necessidade de se encomendar a vacina por conta dos riscos de ficar sem o imunizante, já que os demais países também estavam realizando pré-encomendas para as suas populações.

## **LIVE DE 22 DE OUTUBRO DE 2020**

Nesta *live*, Bolsonaro está acompanhado dos ministros Tarcísio de Freitas (Infraestrutura) e Marcos Pontes (Ciência e Tecnologia), e da intérprete de Libras. Todos sem máscara.

<sup>13</sup> Em 2022, tivemos eleições para presidente da República, governadores, senadores, deputados federais e estaduais.

<sup>14</sup> Em setembro de 2020, a Universidade de Oxford e a farmacêutica AstraZeneca suspenderam temporariamente os testes com a vacina contra a covid-19, pois um dos voluntários teve uma reação adversa após ser vacinado. Esse é um protocolo de segurança usualmente utilizado nas pesquisas com fármacos, até que fique definido a causa do efeito adverso e se ele foi o não provocado pelo medicamento.

Foca o discurso principalmente na questão da vacinação. O primeiro alvo é a obrigatoriedade ou não de a população se vacinar. «Ninguém vai obrigar ninguém a tomar vacina. E quem não tomar, se ele se contaminar e vier a falecer um dia, a responsabilidade é dele», diz.

Bolsonaro é determinantemente contrário à obrigatoriedade da vacina. Então utiliza, para referendar que está certo, uma matéria publicada pelo site UOL<sup>15</sup>, em que uma diretora da OMS afirma que a obrigatoriedade de se vacinar ou não deve ser uma decisão de cada país. Bolsonaro faz uma leitura diferente dessa afirmação e diz que a OMS é contrária à obrigatoriedade da vacina (desinformação).

Cita então comentários feitos por internautas em sua conta no Facebook sobre o fato de ele ter publicado uma matéria do UOL, site que ele critica constantemente afirma que só veicula «mentiras» sobre o governo. E ainda, em tom de ironia, brinca: «De vez em quando o UOL acerta».

Ainda na *live*, Bolsonaro pergunta aos ministros: «Vou fazer uma pergunta. A resposta tem que ser sim ou não. Dependendo de vocês, a vacina tinha que ser obrigatória ou facultativa?». Tanto os ministros como a intérprete de Libras respondem que deve ser facultativa.

E segue com o seu discurso desmotivador da vacina e faz ataques contra os governadores, sendo que o foco dele é o governador do principal estado brasileiro, São Paulo, João Doria, que fez oposição ferrenha em razão da falta de ação do governo federal na compra das vacinas. Explica que um deles (não cita o nome) está juntando outros governadores para entrar com ação no STF para que cada estado possa tomar a decisão sobre a obrigatoriedade ou não da vacinação. Faz a seguinte suposição: «Imagina se a vacinação for obrigatória. O cidadão vai lá tomar a vacina e vem a falecer pelo próprio vírus ou por outra doença, agravada pelo fato de ter injetado a vacina... centenas de famílias vão entrar na Justiça».

E completa falando não ter ouvido nenhum chefe de Estado no mundo determinando a obrigatoriedade da vacina.

Usa, ainda, um linguajar inadequado para um representante público: «Essa pandemia serviu para revelar aprendizes de ditadores, figuras nanicas, hipócritas, idiotas, boçais, [que] estão achando que mandam nos estados deles».

E reafirma: «Vai tomar vacina [irritado] vai tomar você, pô, vacina ou o que você bem entender [ministros dão risada] Coca-Cola, tubaína [refrigerante], o que você bem entender». Bolsonaro se caracteriza por usar palavrões e palavras ríspidas durante as suas falas no sentido de reafirmar a sua autoridade e de se mostrar como uma pessoa próxima ao «povo».

---

<sup>15</sup> Matéria publicada em 21-10-20 (UOL 2020).

Os dois temas a seguir da *live* são a economia e o combate à corrupção realizado nos ministérios para evitar os desvios de verbas durante a pandemia.

E quem abre a discussão são os jornalistas do programa *Os Pingos nos Is*<sup>16</sup>, que, além de estarem retransmitindo a *live* ao vivo pelo seu canal, fazem perguntas de apoio ao discurso do presidente.

O jornalista participante questiona sobre supostos desvios de verbas destinadas ao combate da covid-19 que ocorreram nos estados. É a «deixa» para o ministro da Infraestrutura falar sobre um programa de combate à corrupção efetivado no seu ministério e que posteriormente é referendado pelo ministro da Ciência e Tecnologia, dizendo haver esse programa em todos os ministérios. A questão do combate à corrupção foi um dos pontos principais durante a campanha eleitoral que o elegeu, em parceria com as chamadas fake news.

Volta a argumentar sobre questões econômicas e que o Brasil, tirando a China, foi o que melhor se saiu no «tocante à economia» durante a pandemia. Segundo ele, economia é vida: «Sem dinheiro, o “cara” morre de fome, morre de depressão, fica sujeito a adquirir outras doenças, o estado de saúde será debilitado, fica mais propenso a morrer».

## **LIVE DE 12 DE NOVEMBRO DE 2020**

Nesta *live*, o presidente está acompanhado da ministra Damares Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos), responsável pela questão indígena, além da intérprete de Libras. De novo, todos sem máscara.

Faz uma defesa enfática dos cuidados que o governo federal e o ministério responsável pela questão indígena têm realizado durante a pandemia para proteger essa população. Até novembro de 2020, cerca de 480 (SESAI 2022; APIB 2022)<sup>17</sup> indígenas já tinham morrido de covid-19.

Bolsonaro realiza o contraponto às mortes dizendo que o Brasil tem mais de 5 milhões de pessoas curadas. E pergunta: «Curadas como, se não tem um remédio?». Ele mesmo responde: «Um remédio oficial não tem, um remédio com comprovação científica, nós sabemos que não tem. Mas o pessoal tem tomado hidroxiquina, eu usei».

Dirige-se a quem está no estúdio e pergunta: «Alguém aqui usou? [começa a contar e citar os nomes das pessoas presentes que estão utilizando a medicação] Todo mundo aqui está usando». E continua: «Tem usado a ivermectina, tem usado também a “Annita”»<sup>18</sup>. Cita o ministro da Ciência e Tecnologia, que não está presente, que teria

<sup>16</sup> *Os Pingos nos Is* e a Jovem Pan News retransmitem a live ao vivo.

<sup>17</sup> Dados do Ministério da Saúde apontam que até 06-10-2022 morreram 928 indígenas no Brasil por conta da covid-19 (SESAI 2022). Já dados da APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil) apontam para um total de 1324 mortes (APIB 2022). Segundo o último Censo Demográfico, realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2010, a população indígena no Brasil é de 896 917 pessoas.

<sup>18</sup> Ver nota 5.

orientado pesquisas sobre a «Annita» e, segundo Bolsonaro, chegou à comprovação de que «serve como remédio». Disseminando informação falsa e orientando as pessoas a tomarem uma medicação sem nenhuma comprovação científica, que é usada como antiparasitário. Utiliza a sua figura pública para dar respaldo ao uso do fármaco.

Retoma o ataque à vacina: «Por que não se investe também na cura, e não apenas na vacina?». E faz insinuações e põe em xeque o imunizante: «A vacina, parece que tem alguma coisa esquisita por aí, não vou falar para evitar polêmica, para não falar que estou politizando a questão da vacina».

Conta, então, o caso de uma pessoa que teria participado dos testes com a vacina CoronaVac e se suicidado, processo que estava sob apuração da Justiça e sob avaliação dos pesquisadores. Explica que a pessoa pode ter tido problemas familiares, depressão, ter perdido o emprego e até ter histórico familiar. E diz: «E aí, sendo suicídio, é óbvio que não tem relação com a covid». Insinua que «pode ser o efeito colateral da vacina, pode ser, tudo pode ser. Então, não sei se chegaram à conclusão [do motivo da morte], e esclarece, e volta a pesquisar a vacina, no caso a CoronaVac, que é da China».

Passa a falar que só comprará vacinas<sup>19</sup> quando o Ministério da Saúde e a Anvisa tiverem aprovado os imunizantes. E diz:

*A gente vai fazer uma compra, mas não uma compra no valor que um caboclo aí quer. Estou muito preocupado, porque tem um caboclo aí, que quer que a gente compre a toque de caixa, não é assim não. Nós vamos querer a planilha de custos, uma série de [muda de assunto]. Da minha parte, eu sei que não compete a mim, eu quero saber se esse país usou a vacina lá no seu país [referindo-se ao imunizante produzido na China — CoronaVac].*

O «caboclo» ao qual se refere novamente é o governador de São Paulo, João Doria, que, por meio do Instituto Butantan, incentivava a pesquisa e a produção da vacina com insumos vindos da China (CoronaVac). O governador se tornou o seu principal inimigo político durante a pandemia por discordar do presidente em relação às medidas para conter a pandemia e a compra de vacinas.

Dirige-se à ministra Damares e pergunta: «Você tomaria vacina obrigada?». Damares responde: «Não, não. Tem uma coisa no Brasil chamada direitos humanos... nós vamos ver essa vacina à luz dos direitos humanos». Bolsonaro utiliza a ministra para referendar a não obrigatoriedade da vacinação.

---

<sup>19</sup> Em 8 de dezembro de 2020 já haviam sido aplicadas 12 milhões de doses da vacina no mundo. O Reino Unido foi o primeiro a vacinar, seguido de EUA, Canadá, China, Arábia Saudita, Israel e os 27 países da União Europeia. No Brasil, somente em 17 de janeiro de 2021 houve a primeira pessoa vacinada, uma enfermeira do estado de São Paulo.

## LIVE DE 17 DE DEZEMBRO DE 2020

Nesta *live*, participam, além de Bolsonaro, os ministros Marcos Pontes (Ciência e Tecnologia) e Tarcísio de Freitas (Infraestrutura), intérprete de Libras. Ninguém usa máscara.

Bolsonaro afirma ter se encontrado com uma médica (Raissa Soares), que recomenda o tratamento precoce para a covid-19 e diz ter elogiado o seu trabalho. Bolsonaro, desde o início da pandemia, tem sido um incentivador do tratamento precoce, o uso de medicamentos sem comprovação científica, temas recorrentes nas *lives*.

Posteriormente, discursa sobre o voto dado pelo ministro Nunes Marques, do STF, em audiência da corte. Na votação, Nunes Marques foi voto vencido quando o STF decidiu, no dia 16-12-2020, que o Estado pode determinar que os cidadãos se «submetam, compulsoriamente, à vacinação contra a covid-19, prevista na Lei 13.979/2020» (STF 2020). O Estado pode ainda determinar medidas restritivas, previstas em lei (multa, impedimento de frequentar determinados lugares, fazer matrícula em escola etc.), para quem não se vacinar voluntariamente contra a covid-19, mas a «imunização não poderá ser realizada à força».

Bolsonaro traduz essa medida para os internautas:

*Se você não quiser tomar vacina, eu, o presidente da República, ou governadores e prefeitos podem impor medidas restritivas para você. O que é medida restritiva?... não pode tirar passaporte, carteira de habilitação, pode pôr em prisão domiciliar, olha que lindo!*

Explica ainda que o STF não mandou impor medidas restritivas, e sim autorizou o governo federal, governadores e prefeitos que podem «impor». E afirma, «da minha parte, zero» e ainda diz acreditar que os governadores não vão determinar medidas restritivas, embora «não ponha a mão no fogo por ninguém».

Diz que não poderão definir medidas restritivas também porque não haverá vacina para todo mundo até o final de janeiro de 2021: «Não temos como conseguir a vacina para todo mundo até o final do ano e, então, não vai ter medida restritiva para ninguém». Critica o STF: «Pode ser uma medida inócua do Supremo, com todo o respeito ao Supremo, [que] entrou em uma bola dividida, meu Deus do céu, não precisava disso».

Retoma os ataques à imprensa. Diz que os «canalhas» da mídia tradicional estão só esperando uma palavra errada ou uma frase dita por ele para dar manchete no dia seguinte. «Não vou dar essa oportunidade para esses canalhas aí, geralmente está [sic] na Folha, no Globo, no Estadão, no Antagonista, nesses blogs conhecidos, né?», comenta.

O próximo ponto da *live* é a questão da alimentação durante a pandemia e a «política do fique em casa», medida tomada por governadores e prefeitos para diminuir a transmissão do vírus e totalmente rechaçada pelo presidente. Bolsonaro pergunta aos

ministros presentes se eles não aumentaram «um pouquinho» de peso durante este ano. Os ministros respondem que «sim».

Bolsonaro diz que, como as pessoas ficaram mais em casa, a tendência é ficar «comendo um pouco mais». Embora a fome tenha ficado mais nítida em 2021, ele desconsidera dados apontando o aumento dos níveis de pobreza e fome no Brasil durante o período da pandemia em 2020. Segundo pesquisa FGV Social, em 2019, antes da pandemia de covid-19, 23 milhões de indivíduos viviam abaixo da linha de pobreza no Brasil. Em 2021, o número chegou a 28 milhões (FGV Social 2022).

*O pessoal ficou em casa com a tendência de ficar comendo mais, abrindo a geladeira, obviamente, comendo mais. Aumentou o consumo, o mercado não estava preparado para aquilo [sic], aumentou a demanda, aumentou o preço. Mas já baixou o preço do arroz. [O] que mais levou a aumentar foi a política do «fique em casa». O campo, ainda bem, que não ficou em casa, diz.*

Bolsonaro não se solidariza com os milhares de brasileiros que estão passando fome no Brasil e dá a entender que desconhece as deficiências alimentares existentes no país.

Posteriormente, ataca o governador de São Paulo e os deputados estaduais do Estado que teriam aumentado o ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) durante a pandemia, diferentemente do que fez, segundo ele, o governo federal.

*Vai na prateleira [do supermercado] lá em Americana, Jundiaí, Presidente Prudente, Eldorado Paulista, [cidades do interior do estado de São Paulo] aumentou o preço e lembra de mim. [Tem que] lembra do governador que aumentou o ICMS. E daí, lembra do «e daí?» Eu pergunto para você agora: «e daí?», fala.*

Repete uma frase dita por ele em abril de 2020. O Brasil já contabilizava em torno de 5017 mortes pela covid-19, número maior que o da China. Uma repórter pergunta ao presidente sobre o fato de o país ter mais mortos que a China. O presidente responde: «E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias [o nome completo dele é Jair Messias Bolsonaro], mas não faço milagre».

Passa então a falar sobre a vacina, especificamente a da Pfizer, que, em um primeiro momento, o governo não quis comprar, pois, segundo Bolsonaro, «na bula» dizia que a farmacêutica não se responsabilizava por qualquer efeito colateral. Pergunta aos ministros presentes se eles tomariam essa vacina, eles respondem que não. Dão abertura para Bolsonaro iniciar as justificativas para o governo federal ainda não ter adquirido o imunizante.

*A não ser que você esteja morrendo, aí você toma. Isso está na bula, está no contrato, agora vão obrigar você a tomar vacina com isso escrito lá. O que acontece é que eu tenho responsabilidades. Se uma pessoa que não sabe ler, tem muita gente que não sabe ler, outros são analfabetos funcionais, alguns ficam só na Internet criticando, não sabem o que está acontecendo, toma um negócio, tem um efeito colateral, como parece estar havendo no Reino Unido<sup>20</sup>, efeitos colaterais, choque anafilático, parece [em tom de dúvida], quem vai se responsabilizar por essa pessoa? Não vai ser o fabricante porque está lá [na bula], quem vai se responsabilizar? Quem obrigou você a tomar vacina. Eu não vou obrigar você a tomar vacina. Porque eu sou responsável.*

Bolsonaro em seu discurso dá insinua que não é função do poder público e do seu representante maior, o presidente da República, definir a obrigatoriedade da população se imunizar. E a vacinação seria uma decisão individual, e não coletiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jair Bolsonaro constrói uma realidade paralela em suas *lives*, negando a pandemia de covid-19 e suas consequências. É «só uma gripezinha», «um resfriadinho», como afirmou por duas vezes em março de 2020 durante uma coletiva de imprensa e em um pronunciamento em rede nacional de rádio e televisão. Posteriormente, utilizou o espaço de uma *live* para dizer que não falou a frase, em 26 de novembro de 2020, embora ela esteja gravada. Ele se nega a respeitar as evidências científicas.

Com base na observação dessas dez *lives*, é possível aferir que Bolsonaro fez prática constante da desinformação ao negar a ciência e que esse discurso tornou-se um padrão. Nas *lives*, medicação ineficiente para combater a covid-19 e que, também, não serve para o tratamento, se transforma em eficaz. É propagada por ele como solução inicial para o vírus, já que, como ele diz, não há ainda medicação comprovada cientificamente. E quem é o garoto-propaganda dessa medicação? O próprio Bolsonaro que, durante as *lives*, mostra a caixa do medicamento para câmera, afirma constantemente ter feito o uso dele para se prevenir da doença e, ao ter contraído covid-19, diz que teve os efeitos atenuados por já ter se medicado.

Para corroborar todo o processo de desinformação, se cerca de diversas pessoas próximas, autoridades, assessores ou não, que estariam utilizando a medicação, além de dizer que muitos médicos recomendam o uso *off-label*. Todos eles servem de testemunha, durante a transmissão, para reafirmar a eficiência dos fármacos e persuadir a população a utilizá-los e a desacreditar da gravidade da pandemia.

---

<sup>20</sup> O Reino Unido, em dezembro de 2020, após iniciar o processo de imunização, emitiu, por meio da Autoridade Reguladora de Medicamentos Britânica (MHRA), uma nota recomendando aos hospitais que aplicam a vacina Pfizer e BioNTech para que evitassem a aplicação em pessoas com histórico relevante de reações alérgicas a outras vacinas, medicamentos ou alimentos. Duas pessoas tiveram reações anafilactoides após receberam o imunizante. Ambas se recuperaram.

Usa falácias de outras situações no Brasil e no mundo em que medicações foram utilizadas *off-label* e teriam dado certo e, mais, afirma e reafirma que o médico tem autonomia para definir a indicação ou não de um determinado medicamento, mesmo que não haja orientação para esse fim na bula.

Faz também uma campanha persistente contra o uso de máscaras, já que, tanto nas *lives* como em suas aparições em público, nesse primeiro ano da pandemia, raramente apareceu com a proteção e se cercou de pessoas que também não a utilizavam. Implicitamente, mesmo ao não falar contra o uso da proteção, passa para a população a ideia, por meio da imagem, de que ela é desnecessária. Como afirma Orlandi (1983), os não ditos também significam.

A negação da ciência por meio da desinformação se amplia quando faz toda uma argumentação pondo em xeque a vacina e a sua eficácia, descaracterizando a vacinação. Repete em quase todas as *lives* o fato de o imunizante ainda estar passando por testes de eficácia e dos possíveis efeitos colaterais que ocorreriam e que, mesmo assim, não há vacina em quantidade suficiente no mundo para ser comprada por todos os governos. Na sua fala, indica para a população a sua isenção de responsabilidade por não adquirir o imunizante.

A questão emocional está fortemente presente no discurso, principalmente quando Bolsonaro fala sobre a economia, apontando que o desemprego é resultado, segundo ele, da política do «fique em casa». Discorre ainda que não há a necessidade de a população ter «medo», «pavor» do vírus. Chega a afirmar que o desemprego é «pior» que o vírus. Em todas as *lives*, isso está presente no contexto das suas falas. Faz também claras ameaças à população mais pobre ao dizer que os recursos já se esgotaram e que o «auxílio» dado pelo governo federal tem tempo de validade e por isso é preciso voltar à normalidade do dia a dia.

Os «inimigos imaginários» do governo federal — governadores, STF, OMS e a mídia tradicional — aparecem nomeados ou descritos explicitamente nas falas de Bolsonaro.

Primeiro, os governadores são os responsáveis pelas medidas de restrição, com apoio das decisões do STF, o que teria impedido a ampliação de ações do governo federal.

A OMS seria aquela que, no dizer de Bolsonaro, como entidade responsável mundialmente por emitir orientações sobre a pandemia, atua de forma contraditória, colocando em xeque a responsabilidade da entidade. O seu apoio nessa questão é o então presidente americano Donald Trump, crítico contumaz da entidade.

Já a mídia tradicional, também para Bolsonaro, tem sido disseminadora de informações contrárias ao governo federal e, por isso, divulgado mentiras, prejudicado a condução da pandemia e superestimado a doença. Mentiras são para ele toda e qualquer informação contrária à sua postura negacionista em relação à pandemia.

É possível afirmar, portanto, que as *lives* e a desinformação nelas contidas se tornam ainda mais graves quando são referendadas por aquele que exerce a mais importante

função pública no país. E que a gravidade se multiplica exponencialmente porque essas veiculações são replicadas na íntegra, bem como em trechos editados e retransmitidos nas redes sociais por canais bolsonaristas.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Marco Antonio, e Emanuela R. H. MACIEL, 2020. O fenômeno das fake news: definição, combate e contexto. *Internet & Sociedade* [Em linha]. 1(1), 144-171 [consult. 2022-08-18]. Disponível em: <https://revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2020/02/o-fenomeno-das-fake-news-definicao-combate-e-contexto.pdf>.
- APIB [ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL], 2022. Panorama Geral da COVID-19. Em: *Emergência Indígena* [Em linha]. Apib [consult. 2022-10-07]. Disponível em: [https://emergenciaindigena.apiboficial.org/dados\\_covid19/](https://emergenciaindigena.apiboficial.org/dados_covid19/).
- AVAAZ, 2020. O Brasil está sofrendo uma infodemia de Covid-19. Em: *Avaaz* [Em linha]. Avaaz [consult. 2022-10-10]. Disponível em: [https://secure.avaaz.org/campaign/po/brasil\\_infodemia\\_coronavirus/](https://secure.avaaz.org/campaign/po/brasil_infodemia_coronavirus/).
- BAPTISTA, Renata, 2020. Pandemia aumenta em 91% tempo de usuário brasileiro no YouTube. Em: *UOL* [Em linha]. 2020-11-09. UOL [consult. 2020-10-13]. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/11/09/pandemia-aumenta-em-91-tempo-de-usuario-brasileiro-no-youtube.htm>.
- BARDIN, Laurence, 1977. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BAUER, Martin W., e George GASKELL, 2002. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático*. 2.ª edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- BROWN, James A. C., 1971. *Técnicas de Persuasão*. Rio de Janeiro: Zahar.
- CETIC, 2021. TIC Domicílios – 2020. Em: *Cetic* [Em linha]. Cetic [consult. 2022-08-18]. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/indicadores/>.
- CHARAUDEAU, Patrick, 2008. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto.
- CITELLI, Adilson, 1998. *Linguagem e Persuasão*. 12.ª ed. São Paulo: Ática.
- COMITÊ GESTOR DA INTERNET, 2021. Cresce o uso de Internet durante a pandemia e número de usuários no Brasil chega a 152 milhões, é o que aponta pesquisa do Cetic.br. Em: *CGI* [Em linha]. CGI [consult. 2022-08-18]. Disponível em: <https://www.cgi.br/noticia/releases/cresce-o-uso-de-internet-durante-a-pandemia-e-numero-de-usuarios-no-brasil-chega-a-152-milhoes-e-o-que-afonta-pesquisa-do-cetic-br/>.
- CONASS, 2022. Painel Nacional: COVID-19. Em *Conass* [Em linha]. Conass [consult. 2022-10-01]. Disponível em: <https://www.conass.org.br/painelconasscovid19/>.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti, e Sarah Chucid da VIÁ, 2001. *Pesquisa empírica em ciências humanas (com ênfase em comunicação)*. São Paulo: Editora Futura.
- DUARTE, Jorge, e Antonio BARROS, org., 2005. *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas.
- FGV SOCIAL, 2022. Mapa da Nova Pobreza. Em *FGV Social* [Em linha]. FGV Social [consult. 2022-10-31]. Disponível em: <https://cps.fgv.br/MapaNovaPobreza>.
- IRETON, Cheryllyn, e Julie POSETTI, eds., 2019. *Jornalismo, Fake News & Desinformação – Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo* [Em linha]. Paris: UNESCO [consult. 2022-10-15]. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647?fbclid=IwAR14EqTCXdGhuw31W-veaXmNtxKIQYRMrc\\_m2eouGc7hU0RW5ieHWLRz2GNs](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647?fbclid=IwAR14EqTCXdGhuw31W-veaXmNtxKIQYRMrc_m2eouGc7hU0RW5ieHWLRz2GNs).
- KANTAR IBOPE MEDIA, 2021. Consumo de vídeo bate recorde no Brasil. Em: *Kantar IBOPE Media* [Em linha]. 2021-03-04. Kantar IBOPE Media [consult. 2022-08-09]. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/consumo-de-video-bate-recorde-no-brasil/>.

- MAINGUENEAU, Dominique, 2002. *Análise de Textos de Comunicação*. 2.<sup>a</sup> edição. São Paulo: Cortez Editora.
- OLIVEIRA, Silvio Luiz de, 1998. *Tratado de Metodologia Científica*. São Paulo: Pioneira.
- OMS [World Health Organization], 2020. Brazil Situation. Em: WHO [Em linha]. WHO [consult. 2022-09-01]. Disponível em: <https://covid19.who.int/region/amro/country/br>.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli, 1983. *A Linguagem e seu Funcionamento – as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense.
- SESAI [SECRETARIA ESPECIAL DE SAÚDE INDÍGENA], 2022. Boletim Epidemiológico da SESAI. Em: *Saúde Indígena* [Em linha]. [consult. 2022-10-07]. Disponível em: <http://www.saudeindigena.net.br/coronavirus/mapaEp.php>.
- SILVA, Cristiane R., Beatriz C. GOBBI, e Ana Adalgisa SIMÃO, 2005. O uso da análise do conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. *Organizações Rurais & Agroindustriais*. 7(1), 70-81.
- STF, 2020. Plenário decide que vacinação compulsória contra Covid-19 é constitucional Em: STF [Em linha] [consult. 2022-10-07]. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=457462&ori=1>.
- UOL, 2020. Diretora da OMS não recomenda que vacina contra covid-19 seja obrigatória. Em: UOL [Em linha]. 2020-10-21. UOL [consult. 2022-10-06]. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/10/21/diretora-da-oms-nao-recomenda-que-vacina-contracovid-19-seja-obrigatoria.htm>.
- VAN DIJK, Teun A., 2008. *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto.

